

Hospitalidade e Xenofobia

Grácio Abdulá

Advogado

O aumento significativo do fluxo migratório de pessoas do Hemisfério Sul para o Hemisfério Norte, é hoje um facto indelével. Embora mais fracas, as migrações a Sul merecem algum destaque. Já o mesmo não se pode dizer quer da emigração Norte/Sul, cuja intensidade diminuiu muito nos últimos 50 anos, quer das migrações de curta duração, ocorridas entre os países mais desenvolvidos, onde as construções e obras de grande envergadura, associadas ao modelo de desenvolvimento adoptados por esses países ricos, exigem uma grande mobilidade de trabalhadores qualificados.

O desenvolvimento humano está indelevelmente associado ao aparecimento das primeiras cidades, que naturalmente foram erigidas junto de zonas férteis, com enormes cursos de água, para facilitar a navegação e trocas comerciais. Quando o homem começou a impor-se à natureza, o nomadismo deu lugar ao sedentarismo, o progresso encontrou campo para crescer, as cidades passaram a ser “mega cidades” dinâmicas, multiculturais e muito atractivas. Depois sucederam-se as guerras intermináveis – que deveriam envergonhar a espécie humana – até aos dias de hoje, com uma indústria militar ávida de se alimentar de uma lógica de guerra engendrada por países que se auto-intitulam civilizados, porque baseados na democracia, nos direitos humanos, na paz e no respeito pela vida humana, se acham unilateralmente no direito de atacar, ocupar, matar e ditar o destino dos outros povos.

Depois da escravatura veio a colonização. A Conferência de Berlim, veio legitimar a partilha e a ocupação de territórios de gente sem civilização pelos países ditos civilizados, com novas fronteiras desenhadas à imagem e no interesse dos colonizadores.

As relações entre as potências colonizadoras e as colónias, caracterizavam-se pela exaustiva exploração das matérias-primas a preços ditados pela metrópole, por uma desastrosa política social, educativa e de saúde. Os colonizadores eram jogadores e árbitro simultaneamente, maltratando, subjugando e humilhando os povos colonizados, na sua própria terra. Foram essas circunstâncias que fizeram nascer o ódio e conseqüentemente a revolta. Nasceram assim os movimentos de libertação nacional, apoiados por países comunistas como a China, Rússia, Cuba, Bulgária ou Checoslováquia.

As independências, eram a única via possível e o corolário lógico que viria pôr fim às cruéis políticas levadas a cabo pelas potências colonizadoras. Os governos pós-independência, constituídos pelos nacionais das antigas colónias, optaram por regimes de partido único, com o *slogan* de que o poder pertencia aos operários e camponeses, numa péssima imitação vinda da China e da URSS. Iniciou-se então a degradação das ex-colónias, que foi acelerando devido à falta de quadros - pois os técnicos da administração pública colonial eram brancos e obviamente abandonaram as colónias para se irem fixar na metrópole - à falta de conhecimentos dos seus governantes que vindos da mata não possuíam qualquer experiência governativa, o neocolonialismo económico levado a cabo pelos países ricos, que usando da sua força económica, continuaram a ditar os preços das matérias-primas. Todos esses factores, contribuíram para arruinar totalmente a economia das antigas colónias, instalando-se o caos, a miséria, a fome, a doença e a pobreza.

Tudo o que funcionava, na altura da colonização, deixou de funcionar. Se naquela época já era mau o estado das coisas, considerando a segregação racial, exploração de mão-de-obra, humilhação, falta de uma política de educação, etc., agora, volvidos 40 e tal anos desde que as independências começaram a acontecer, esses países outrora colonizados estão ainda piores do que estavam. É este quadro assustador, que caracteriza os países de onde vêm os imigrantes que abandonam as suas terras à procura de uma vida melhor na Europa. Assim,

não é difícil concluir que qualquer vida na Europa, mesmo que má, será sempre melhor que a vida nos seus países de origem.

Estes imigrantes não são invasores, como certos sectores xenófobos pretendem fazer crer. Eles “abandonam” os filhos, os pais, os irmãos, as esposas, enfim a família, na esperança de que na Europa encontrarão o mínimo para sobreviver. Estes imigrantes são sobreviventes que andam à deriva, em busca de algo que lhes permita viver simplesmente. São pessoas que perderam tudo, às vezes até a própria dignidade. E a culpa não é deles, mas sim dos seus governantes e dos países ricos, que nada fazem para alterar a ordem económica mundial.

A Europa em particular, tem responsabilidades históricas para com esses cidadãos, que ao invés de serem recebidos e encaminhados nos países de acolhimento, sofrem perseguições, são humilhados, explorados vergonhosamente, maltratados e desprezados.

A Europa precisa de alguns desses imigrantes, para colmatar o seu moribundo sistema de segurança social e para resolver problemas de falta de mão-de-obra para determinados sectores como o da construção civil e obras públicas. Por isso, não se compreende que não haja uma profunda reflexão, no sentido de se definirem políticas inclusivas que promovam, enquadrem e legalizem os imigrantes, atribuindo-lhes direitos e deveres tal como a democracia formal preconiza. A Europa deve promover uma educação que não exclua as minorias. Deve sentir-se obrigada a desenvolver acções de formação que propiciem aos filhos dos imigrantes a aquisição de conhecimentos e qualificações técnicas que lhes forneçam ferramentas adequadas para competir em pé de igualdade no exigente mercado do trabalho.

A Europa necessita de perder complexos de qualquer natureza, para que possa efectivamente deixar de ser xenófoba e passe a ser hospitaleira como a civilização manda.

Em relação aos países de origem dos imigrantes, a Europa devia desenvolver mecanismos de cooperação específica, para que no futuro esses mesmos imigrantes possam retornar às suas origens, com condições especiais de reintegração, nomeadamente que a sua contribuição para o desenvolvimento dos seus países, através dos conhecimentos adquiridos na Europa, sejam uma mais valia.

A regularização dos imigrantes ilegais é uma matéria extremamente sensível e urgente. A Europa não pode adiar a resolução deste problema sob pena de estar a contribuir indirectamente para o brutal incremento do crime organizado, porquanto esses imigrantes ilegais, constituem presas fáceis de grupos organizados do crime, que os recrutam a baixos preços para perpetrar crimes hediondos como raptos, assassínios, assaltos, tráfico de estupefacientes, agressões etc.